

Por meio de uma Experiência Estética, como Observar a Importância dos Conectores à Produção Textual

Through an Aesthetic Experience, how to Observe the Importance of Connectors to Textual Production

ISSN 2177-8310
DOI: 10.18264/eadf.v14i1.2068

Jacqueline de Faria Barros Ramos*
Universidade Federal Fluminense.

*jacqueline.barros@
faculdadelusofonarj.com.br

Resumo

O presente trabalho pretende demonstrar uma experiência estética construída a partir de textos autorais em que foram usados conectivos, produzidos em aulas remotas de Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual, no ano de 2021, direcionadas à qualificação de estudantes para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Assim, propõe-se a evidenciar que o texto do discente, para alcançar o objetivo de transmitir um significado, deve perpassar ofertas (realizadas pelo docente-mediador) de possibilidades de observação dos tempos do ser humano e de sua historicidade para a sensibilização do seu olhar ao processo enunciativo de produção textual e à ampliação do seu repertório sociocultural, a fim de que, oportunamente, tenha condições de organizar o pensamento sobre a sua própria existência e sobre os contextos dos quais participa. Isso posto, há de se recorrer à compreensão filosófica do termo *mythos*. O termo compreende as narrativas que apresentam aos entes suas origens desde a Antiguidade e que – ainda hoje, por diferentes meios (físicos ou virtuais) e formas (gêneros textuais multimodais, filmes e outros) – traduzem a sociedade como um conjunto de indivíduos que precisam coexistir por relações de sentido. Portanto, essas são condições *sine qua non* à revelação de um discurso próprio e ao compartilhamento de uma mensagem efetiva e sedutora.

Palavras-chave: Conectivos. Produção textual. Enem. Mythos.



Recebido 14/08/2023
Aceito 19/01/2024
Publicado 01/02/2024

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABNT: BARROS RAMOS, J. F. Por meio de uma Experiência Estética, como Observar a Importância dos Conectores à Produção Textual. **EaD em Foco**, v. 14, n. 1, e2068, 2024.
doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v14i1.2068>

Through an Aesthetic Experience, how to Observe the Importance of Connectors to Textual Production

Abstract

*The present work aims to demonstrate an aesthetic experience built from the production of authorial texts, making use of connectives, in remote classes of Portuguese Language, Literature and Textual Production, in the year 2021, aimed at qualifying students for the National Teaching Exam Medium (Enem). Thus, it is proposed to highlight that the student's text, in order to achieve the objective of transmitting a meaning, must include offers (made by the teacher-mediator) of possibilities for observing the times of human being and his historicity to raise awareness of the process enunciation of textual production and the expansion of their sociocultural repertoire so that, in due course, they are able to organize their thoughts about their own existence and the contexts in which they participate. That said, we must resort to the philosophical understanding of the term *mythos*. The term comprises the narratives that present entities with their origins, since Antiquity, and, even today, through different means (physical or virtual) and forms (multimodal textual genres, films and others), translate society as a set of individuals who they need to coexist through meaningful relationships. Therefore, these are *sine qua non* conditions for revealing one's own speech and sharing an effective and seductive message.*

Keywords: *Connective. Textual production. Enem. Mythos.*

1. Introdução

O presente trabalho, apresentado em resumo no *Livro de Resumos e Programação do III Seminário do CCO*¹, ocorrido nos dias 18 e 19 de outubro de 2021, durante a pandemia de Covid-19, e organizado pelo Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações (CCO), com sede na Universidade Federal Fluminense (UFF) –, pretende demonstrar uma experiência estética construída a partir da produção de textos autorais em aulas remotas de Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual ocorridas no Colégio Estadual Matemático Joaquim Gomes de Sousa – Intercultural Brasil-China, em Niterói/RJ, direcionadas à qualificação de alunos para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Tem como premissa observar o uso dos conectivos ou nexos – elementos coesivos partícipes da matriz Enem, na competência IV – na produção de redações, ao mesmo tempo que pretende ser um instrumento de autoconhecimento e empoderamento do sujeito, por meio das narrativas discursivas que se perfazem pela História e pelos sentidos traduzidos no tempo, com enunciados multissemióticos e em contextos diversos.

Dessa forma, de antemão, é preciso considerar que a produção Enem requer, inicialmente, tanto do docente quanto do estudante, um estudo aprofundado do modelo requerido pela banca. Há um modelo à disposição dos estudantes, que expõe critérios e formas discriminadas em cinco competências.

Sob um “protótipo”, portanto, constrói-se uma demanda específica, cujos detalhes, nomeados e sequenciados em competências, estabelecem meios, estratégias e concepções que vão desde a correção

¹ Livro de Resumos e Programação. Livro de Resumos – III Seminário do CCO – 11.10.2021, disponível em: <http://cco.sites.uff.br/iii-seminario-do-cco/>. Acesso em: 14 ago. 2023.

ortográfica à intervenção social, classificadas de I à V, traduzindo uma tipologia e um gênero textual próprios. Contudo, o fato de existir um molde detalhado de exigências onde, de forma inequívoca, compreende-se a necessária presença da norma culta da língua portuguesa, esse espaço ocupado pelos significantes (que transcorrem como elementos múltiplos) deve conceber, ainda, espaços de significação e sentido. Caso contrário, esbarra-se no discurso vazio e/ou desproposital. Entendemos, assim, que este é o processo de construção textual: o espaço onde interagem o léxico, a semântica, o contexto, o repertório, os valores e o texto.

2. Metodologia

O entendimento da comunicação, prerrogativa de todo processo de ensino-aprendizagem sobre escrita e leitura, traduz-se sempre e estritamente sob a perspectiva do outro. Conforme estudos linguísticos e filológicos, desde Ismael Coutinho a Dino Pretti, encontramos, na interpretação daquele que ouve ou lê um discurso, o caminho para uma efetiva comunicação.

Há de se considerar, portanto, na premissa maior – para uma possível lógica leitora –, a marcha do tempo guiada pela enunciação. A enunciação reverbera o caminho a ser seguido ou perseguido por aquele que escreve. Caso escreva sem um norte, reverberará descaminho. Assim, ao se enunciar uma temática, desencadeiam-se vários outros “mistérios” que se dão intermediados por anseios, ideias e motivos daquele que enuncia a sua escritura, pois os seres humanos são feitos e constituídos por suas subjetividades e palavras.

Sobre a questão da enunciação – como afirma Benveniste (1988; 1989) –, a noção de subjetividade é central, pois explica sobre a relação com o processo identitário do sujeito, que se dá em torno e a partir do próprio enunciado do qual ele participa. Quando não há uma relação de identificação enunciativa, torna-se temerosa a argumentação por ausência de recursos disponíveis que possam defender aquela ideia. No uso, por exemplo, do pronome pessoal “nós”, o emissor se insere na proposição como o sujeito do enunciado. Na ação enunciativa, conforme referenciado por Ducrot (1972; 1981; 1987; 1989; 2005), é fundado o repertório de um indivíduo sobre uma dada convicção. De todo modo, um mesmo significado pode desencadear inúmeros desdobramentos de um mesmo enunciado. Esses desdobramentos significativos são reconhecidos com o título de polifonia.

A polifonia representa as variadas vozes que soam e ressoam para além do significado denotativo do texto e dos seus léxicos. Figuras de pensamento – como a ironia – ou figuras de linguagem – como a metáfora – exemplificam bem a polifonia. Será no ambiente da enunciação que as subjetividades linguísticas serão postas, alinhadas às subjetividades humanas e às suas vivências, assim como, conseqüentemente, aos repertórios do sujeito, pois o texto espelha um universo singular, sonhado a partir do sujeito que o enuncia. Nesse universo, os conectores são os elementos linguísticos que permitirão às subjetividades seus múltiplos significados pela coesão entre eles. Ingedore Koch (1999, p. 35) afirma que “coesão é o modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentido”.

As subjetividades humanas, quando bem estimuladas na infância e desenvolvidas ao longo da existência, especialmente na adolescência, geram indivíduos adultos plenos, capazes de se expressarem como sujeitos com autonomia e protagonismo. Aí está o que se pode conceber como uso adequado da semântica argumentativa, compreendida como aquela que está fundamentada na análise do significado das sentenças, não em função das suas condições de verdade, mas a partir das intenções do falante dentro do contexto do qual as enuncia.

Desse modo, para enunciar é preciso conhecer o que e como se enuncia o proposto. Para tanto, a noção de argumentação precisa ser construída com robustez. Destarte, a argumentação é paulatinamente tecida a partir dessa interação entre os interlocutores (e a partir das experiências entre eles, advindas des-

se contato) e se presta não somente a explicar uma questão, expor um problema ou uma situação, defender uma ideia ou tese ou apresentar justificativas a uma dada ação, mas a apresentar um sujeito a outro.

Conforme apresenta Koch (2011) sobre a forma particular de estruturação da linguagem – em acordo com as bases teóricas de Oswald Ducrot (1987) –, para que esse processo enunciativo se estabeleça de modo relevante, é de fundamental importância que essa estruturação se realize por meio dos operadores argumentativos (os nexos ou conectivos), marcas linguísticas capazes de sinalizar o valor argumentativo necessário a enunciados determinados. As marcas linguísticas são como as marcas da alma, do inconsciente. Há de se conceber, como afirma Lacan (1981, p. 135), que “o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” ou, pelas vias da comparação, dizemos que o inconsciente é constituído como linguagem, pois a linguagem seria a estrutura da alma, meio pelo qual o sujeito se enuncia ao outro.

Reconhecer esses operadores linguísticos é reconhecer as relações ou correlações entre os nexos textuais, os sentidos entre os termos, os significados que se entrecruzam com propriedade, como meios de dizer a vida e o mundo pela linguagem. Com um propósito definido, as orações que produzimos tanto podem suscitar relações referenciais com fatos da realidade – para mover o outro, nosso interlocutor, de algum estado de coisas – como podem relacionar-se à verdade da realidade onde habitamos e que comunicamos textualmente, seja pela escrita, seja pela oralidade ou pela semiótica. Entretanto, o contrário também pode se dar, visto que o propósito “interlocutivo” não muda. A “mentira” (aquilo que não é) ou a “meia verdade” podem substituir a verdade, assim como o senso comum pode passar por senso crítico, com propriedade, como vemos, por exemplo, por meio dos *media* (a mídia), bem como em livros didáticos e até em notícias jornalísticas, por intermédio de narrativas construídas ou manipulações ideológicas. Como afirma M. Foucault, em *A arqueologia do saber*:

gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato [...] entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; [...] analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. [...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (Foucault, 1986, p. 56).

Veza por outra nos deparamos com a reprodução de uma “mentira” que, dita ostensivamente, pode ganhar status de “verdade”: uma contradição frente às *fake news* imersas nesse tempo hiper-real movido a recortes e colagens imprecisas e plurais. Mudam-se apenas as intenções, pois ao seguirmos o pensamento lógico de uma semântica argumentativa, reconhecemos, indubitavelmente, os signos, mas, mais do que eles, a potência de seus significados em significantes que se perfazem múltiplos, por verossimilhança, conforme o contexto do texto onde se apresentam ao leitor ou por representatividade identitária, quando somente ele, o leitor, poderá decidir a esse respeito.

Antes de Ducrot e Koch, encontramos – pelas vias filosóficas – as bases das teorias linguísticas da argumentação nas reflexões em Aristóteles (384–322 a.C.) que, ao tratar da retórica, cria hipóteses sobre a enunciação na construção dos argumentos que necessariamente a compõe. Pensada pelos precursores sofistas Córax, Tísias, Protágoras e Górgias (de c. 490-380 a.C.), a retórica era vista como técnica e instrumento persuasivo fundamental à política. Dessa feita, a retórica apresentada por Aristóteles se presta,

essencialmente, a admitir uma detalhada escolha de premissas – como o pensador chama os argumentos – como estratégias não somente de persuasão, mas de sedução do outro pelo discurso. Essa estrutura é entendida como estrutura silogística.

O silogismo, como princípio reflexivo, ou seja, como forma clara e objetiva de pensamento, é composto por duas premissas, a saber, uma maior e outra menor, que conduzem a uma resposta denominada conclusão. O clássico exemplo: “Todo homem é mortal” > “Sócrates é homem” > “Sócrates é mortal”, representando, respectivamente, a premissa maior, a premissa menor e a conclusão se revelam como um modelo de lógica do pensamento que orienta, na verdade, de uma forma ou de outra, todas as mensagens veiculadas pelos gêneros textuais contemporâneos. De acordo com Ingedore Koch, sobre esses gêneros se interpõem as circunstâncias da enunciação. Os pressupostos e subentendidos relacionados às intenções dessa enunciação determinarão a correta ou a dúbia compreensão em uma futura interpretação dos fatos, ou seja, encontram-se submissos à função do leitor.

Finalmente, para tanto, usam-se os textos motivadores, reconhecidos como aqueles que estimularão a produção das enunciações do estudante intermediadas por sua subjetividade. Os textos motivadores devem servir como molas de incentivo, como propostas de pesquisas e engajamento. Os estudantes, ao se sentirem desafiados por esses textos, ansiarão por se aprofundar, pesquisando outros conteúdos sobre o tema. Por isso, antes de cada proposição, cabe ao professor oferecer essas possibilidades como alternativas leitoras que instrumentalizem o alunado no exercício dessa escrita produtiva derivada do exercício subjetivo da leitura. A escrita produtiva, além de traduzir uma interpretação de mundo, compreende a condição de domínio no uso dos mais distintos e diversificados recursos linguísticos. Mas será que bastam os textos motivacionais e o domínio básico da língua para alcançar o sucesso na redação do Enem? Será que conhecer o modelo Enem e se debruçar sobre este resultará em um domínio da proposta?

Assim, propõe-se evidenciar que o texto do discente, para alcançar o objetivo de transmitir um significado, deve perpassar ofertas (realizadas pelo docente-mediador) de possibilidades de observação dos tempos para a sensibilização do olhar desse aluno ao seu processo enunciativo e à ampliação do seu repertório sociocultural a fim de que, oportunamente, tenha condições de organizar o pensamento sobre a sua própria existência e sobre os contextos dos quais participa. Isso posto, há de se recorrer à compreensão filosófica do termo *mythos*. Conforme as palavras da filósofa, Marilena Chauí (2010):

A palavra *mito* vem do grego, *mythos*, e deriva de dois verbos: do verbo *mytheyo* (contar, narrar, falar alguma coisa para outros) e do verbo *mytheo* (conversar, contar, anunciar, nomear, designar). Para os gregos, mito é um discurso pronunciado ou proferido para ouvintes que recebem como verdadeira a narrativa, porque confiam naquele que narra; é uma narrativa feita em público, baseada, portanto, na autoridade e confiabilidade da pessoa do narrador. E essa autoridade vem do fato de que ele ou testemunhou diretamente o que está narrando ou recebeu a narrativa de quem testemunhou os acontecimentos narrados.

Semelhantemente, Karen Armstrong, escritora britânica, expõe a diferença entre o mito e o *logos*. De acordo com ela, o mito é o significado enquanto o *logos* é a razão. Afirma ainda que, na modernidade, o mito se perdeu e precisa ser resgatado pelas esferas regidas pelo *logos*, pela racionalidade. Nessa proposta, entendemos que o termo *mythos* compreende as narrativas que apresentam aos entes as suas origens, desde a Antiguidade e, ainda hoje, por diferentes meios (físicos ou virtuais) e perspectivas (gêneros textuais multimodais, filmes e outros), traduzem a sociedade como um conjunto de indivíduos que precisam coexistir por relações de sentido. Entender o que é coexistir é entender que o indivíduo só existe junto com outros indivíduos.

Assim, contar histórias e exercitar esse caminho de descoberta coletiva e individual nos estudantes traduz-se como uma metodologia para desenvolver a escrita consciente com coesão e sentido. Tal metodologia permitirá que o educador tenha uma base de descrição do caminho percorrido nas aulas dadas, uma vez que a proposição destacará a coexistência dos operadores nas orações como nexos ou marcadores linguísticos, intra e interparágrafos.

3. Resultados e Discussão

A coexistência entre os sujeitos, assim como a coexistência mítica entre narrativas, traduz, analogamente, a coexistência entre termos e nexos textuais. Pelos marcadores linguísticos, as orações se estabelecem. Por esta via interlocutória, qual seria, então, o objetivo maior ou a grande premissa das orações? Gerar significados, dando sentido ao mundo por meio da palavra escrita.

Durante o ano de 2021, em aulas remotas de Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual com os estudantes do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Matemático Joaquim Gomes de Souza Intercultural Brasil-China, pudemos exercitar, a distância, as vias interlocutórias pelo sentido que o outro pudesse dar aos contextos, a partir das temáticas propostas e debatidas on-line. Seleccionamos, portanto, alguns fragmentos de produções textuais de alunos que nomearemos: X, Z e N.

Dessa maneira, no livro “1984” de, George Orwell, é retratado um governo totalitário altamente fiscalizador e manipulador. Analogamente, denota-se que, na democracia distópica da atualidade, a sociedade propõe ações subordinadas às perspectivas do Governo, logo diretrizes fundamentais que caracterizam um governo popular, como autonomia e opinião crítica são desconsiderados.

Ademais, vale ressaltar que o conhecimento é uma primazia para o desenvolvimento pessoal e interpessoal. De acordo com a filósofa Simone de Beauvoir, o corpo social apresenta um fenômeno negligente de valorizar um grupo em detrimento de outro. Nesse viés, a falha na promulgação de informações dentro de uma nação desigual faz com que os mais vulneráveis, ou seja, os que não têm acesso funcional às leis, às notícias e às pesquisas científicas, não exerçam dignamente a sua cidadania e, infelizmente, sejam propensos a acatar qualquer diretiva imposta, sendo invisíveis a partir do contexto exemplificado pela filósofa (Aluno X).

O fragmento de texto acima destacado, apresenta a relação do tema “1984 e a Democracia na atualidade brasileira”, a partir do estudo e da leitura da obra *1984*, de George Orwell. Verifica-se, de modo claro, pela consciência do aluno diante do texto, ao utilizar-se dos conectores “analogamente” e “logo”, que há o desenvolvimento de subentendidos importantes que ultrapassam os pressupostos, avançando para a subjetividade interpretativa de significados mais amplos, correlatos ao tema. Ao relacionar a ficção à realidade, o aluno lança mão de uma premissa menor (distopia da realidade) diante de uma premissa maior (governo autoritário), para concluir que “diretrizes fundamentais que caracterizam um governo popular, como autonomia e opinião pública, são desconsiderados”.

Nesse outro fragmento textual, Z coloca-se sob a perspectiva de uma representação coletiva desterritorializada pela modernidade líquida², também relativizada e acordada com a proposição lançada por *1984*, como um elemento fundamental dos tempos atuais.

2 Termo cunhado pelo sociólogo Zygmunt Bauman em sua obra *Modernidade líquida*, de 2001.

Cada pessoa tem em seu interior sua marca de personalidade e escolhas que a torna diferente de todos ao seu redor, marca essa podendo ser classificada como uma conquista de longas datas pelos antepassados. Porém, no cotidiano, ainda é comum ver ataques às opções políticas, ao gênero, às etnias, às culturas. Nas redes sociais, principalmente, pessoas se escondem atrás das mídias para fazerem pré-julgamentos e, assim, atingirem outras. Deste modo, o indivíduo chega ao ponto de querer ser igual para não precisar passar por julgamentos, formando uma só opinião sobre tudo e todos. Para ser livre na sociedade, portanto, há de se ultrapassar muitos obstáculos (Aluno Z).

Aqui, o aluno Z expõe, de modo menos complexo, a premissa maior antes (todos somos diferentes uns dos outros) e a menor (o indivíduo quer ser igual) e conclui que, “para ser livre na sociedade, portanto, há de se ultrapassar muitos obstáculos”. Desse modo, Z institui, por sua consciência, a partir do livro lido como um texto motivacional, *1984*, e dos marcadores linguísticos “porém”, “deste modo” e “portanto”, um fluxo contínuo de raciocínio, sem deixar espaços para neutralidades. Como se trata de um texto simples, com marcas de oralidade, e direto, a compreensão textual é simples, permitindo ao leitor certo conforto interpretativo.

O filósofo iluminista Voltaire afirmou: “posso não concordar com nenhuma das palavras que dizeis, mas defenderei até a morte o vosso direito de dizê-las”. Neste aspecto, a liberdade, seja ela de expressão, pensamento e de escolha, são fundamentais para qualquer indivíduo. Entretanto, no mundo contemporâneo, existe um padrão pré-estabelecido pela sociedade, da maneira de como se deve pensar e viver, no entanto, a liberdade individual é importante e deve ser respeitada e garantida a todos os povos sem distinção alguma, de maneira que o livre arbítrio não obstrua a liberdade do outro, a fim de não indicar a ausência de virtudes inerentes ao homem. Contudo, o problema está longe de ser resolvido. Diante de grande pluralidade cultural e étnica, que se choca com frequência no mundo globalizado, é preciso, além de tolerância, respeito incondicional aos direitos humanos. Em virtude disso, a internet, por exemplo, possibilitou diferentes meios para expor diversas opiniões, porém, esta plataforma é um lugar onde, muitas vezes, as pessoas são violentadas verbalmente por publicar o que pensam, causando o discurso de ódio escancarado que não se limita às telas, mas sim, chegando a perseguições e até linchamentos fora do mundo tecnológico (Aluna N).

Na redação acima, a aluna N, de posse de uma consciência do seu lugar, da sua identidade, do seu discurso (com repertório próprio) e das estruturas de funcionamento da língua, estabelece uma relação de significado no campo dos sentidos mais complexa, porém absolutamente clara. A coexistência entre os nexos e os termos se casam com a coexistência entre ela própria e seu texto, onde os pressupostos e subentendidos são expostos com segurança e domínio.

A coerência textual será sempre fruto de um trabalho intenso do docente, mas dependerá de que o aluno exercite a reflexão como prática e a escrita como uma ação sempre desafiadora – estágio de reflexão e ação, porque o processo da escrita é, sempre, uma atitude revolucionária. Nesse estágio, só poderá chegar o aluno que receber e conseguir desenvolver subsídios para realizar esse feito.

Por esse caminho interlocutório, assim como realizado pelo exercício da leitura e da produção de tex-

tos, o docente media (instrumentalizado por textos previamente selecionados) um exercício discursivo, antes de tudo, para a vida. Seu trabalho, ao apresentar narrativas de origem – relação análoga à relação de coexistência entre os conectores e os termos da oração – ao aluno, permite a este que expanda as suas percepções sobre a realidade a partir do uso produtivo do seu repertório linguístico.

Por evidências a respeito, constituem-se hipóteses de se estruturar textos coesos que traduzam o resultado dos conhecimentos baseados nos estudos gramaticais relacionados aos princípios estabelecidos a partir das estruturas subordinativas e coordenativas, mas, ainda, às cadeias estruturantes de orações que, para além dos significantes, atravessam os corpos e as culturas de significados, por seus subentendidos, com vias ao encontro de um sentido maior, ativado por essa mediação, física ou remota. Portanto, essas são condições *sine qua non* à revelação de um discurso próprio à transmissão de uma mensagem efetiva e sedutora.

4. Conclusão

O ato da escritura requer do autor/produtor de discurso (especificamente voltado a um exame classificatório, determinado por uma banca) mais do que um exercício mecânico, uma postura desejante de experienciar um prazer e dizer-se pela linguagem.

Por conseguinte, se observará, como resultados textuais da proposta, que o prazer estético ou a experiência estética, com o objeto-texto de construção autoral, na prática, contemplará os conectores como elementos coesivos fundamentais para a plena satisfação do propósito discursivo, a saber, alcançar o outro.

Biodados



BARROS RAMOS J. F. é professora na Faculdade Lusófona do Rio de Janeiro do Departamento de Língua Portuguesa e Literaturas, docente de Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual na Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (Seeduc RJ) e Educadora Infantil de Apoio Especializado na FME. Completou o seu doutorado na Universidade Federal Fluminense (UFF) em Estudos de Literatura e o Mestrado em Literaturas Africanas pelo mesmo programa. PhD em Estudos de Linguagem (Educação e Filosofia) pelo Departamento de Pós-graduação em Letras da UFF e em Diversidade e Inclusão, pelo programa de Pós-graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão (PGCTIn), da UFF. É neuropsicopedagoga e psicanalista pelo Serviço de Psicanálise em Atenção à Infância e a Família (Sepai). Seus interesses de pesquisa incluem infância, educação, neurodivergência, escrita, leitura, alfabetização, diferença, história afro-brasileira, história da pedagogia, historicidades e territorialidades negras, com destaque para a inclusão. Esteve envolvida nas atualizações dos Currículos Mínimos da Seeduc RJ pelo Cederj/Cecierj, como articuladora acadêmica e como produtora de conteúdo em apostilas para graduação e pós-graduação em faculdades como Unyleya. É revisora e avaliadora. Participante da equipe Coordenação de Educação e Cultura (Cecult) da Fundação Municipal de Educação de Niterói, desenvolvendo projetos, pesquisas e parcerias em benefício daquele município.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3844-3264>

E-mail: jacefadu@gmail.com

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

ARMSTRONG, K. **Em nome de deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

- BARROS, J. F. **Trilogia de sombras**: Saramago, Santo Agostinho e Heidegger. Niterói: EdUFF, 2016.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1988.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2010.
- CHAUÍ, M. A filosofia como vocação para liberdade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n° 49, p. 7-15, dez. 2003.
- DUCROT, O. Argumentação e “topoi” argumentativos. *In*: GUIMARÃES, E. (org.) **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989. p. 13-38.
- DUCROT, O. **Princípios de semântica linguística**. Trad. Carlos Vogt, Rodolfo Ilari, Rosa Atié Figueira. São Paulo: Cultrix, 1972.
- DUCROT, O. **Provar e dizer**: linguagem e lógica. Trad. Maria Aparecida Barbosa, Maria de Fátima Gonçalves Moreira, Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Global, 1981.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- DUCROT, O. A pragmática e o estudo semântico da língua. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 9, 2005. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/13721/9105>. Acesso em: 2 mar. 2014.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986. JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- KOCH, I. G. V. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1999. LACAN, J. **Le séminaire**, livre III: les psychoses. Paris: Seuil, 1981.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Trad. Antônio Cheline, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 (1916).